

CASTANHA VAI DAR RENDA DE US\$ 2 MIL POR HECTARE

LIANA JOHN

A dura tarefa de domesticar espécies amazônicas para conseguir uma produção regular, comercialmente viável, começa a dar bons resultados na fazenda Aruanã, em Itacotiara (AM). Depois de manter 3 mil cabeças de gado durante dez anos em suas terras, o empresário paulista Sérgio Vergueiro resolveu investir no plantio de plantas perenes, ainda com ajuda dos incentivos fiscais. O guaraná se mostrou inviável, demandando grande quantidade de pulverizações. A seringueira nem cresceu, atacada por fungos de diversos tipos. Mas a castanheira vem dando certo, sem doenças e sem pragas desde o primeiro plantio, há oito anos.

"Plantamos a castanheira numa pastagem degradada, onde nem o capim quicuío da Amazônia (humidícola) crescia mais", conta Gabriel Teixeira de Paula Neto, o agrônomo responsável pela fazenda. A área (latossolo amarelo, com pH entre 3,3 e 4,1) foi classificada pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) como imprópria para culturas perenes. "Mas a castanheira não sabe ler e deu", brinca o agrônomo. E o que é mais surpreendente, deu sem pedir correção de solo e com uma ligeira adubação química. Paula Neto vem usando apenas superfosfato no plantio (50g no pé) e NPK na enxertia (200g de 4-14-8). A castanheira também responde muito bem à adubação foliar, sobretudo com micronutrientes como boro e zinco, para adiantar a florada, embora isso seja dispensável.

No total, já são 3.341 hectares ou 318.666 castanheiras plantadas na Aruanã. As mais velhas, de oito e sete anos, começaram a produzir no ano passado e, dentro de mais uns dois ou três anos, devem estabilizar a produção em 20 a 25 quilos de castanha limpa por árvore. Pelos cálculos de Paula Neto, isso equivale a cerca de 2 mil dólares/ha/ano, ao preço atual de 1 dólar por quilo de castanha na roça. Um rendimento muito superior aos 3,72 dólares/ha/ano estimados para a pecuária na região.

Mas chegar até aí não foi fácil. As sementes de castanha inicialmente plantadas vieram de

uma seleção de árvores nativas, feita pela Embrapa do Pará. Como o crescimento das plantas era muito variável, as melhores foram transformadas em clones, para enxertar em cavalos cultivados na própria fazenda Aruanã. "No começo perdíamos de 70 a 80% das mudas enxertadas porque fazíamos o enxerto muito baixo, ainda no viveiro", conta Paula Neto.

Com o tempo, eles passaram a enxertar no campo, assim que o cavalo atingia cerca de 1,5m de altura. A taxa de mortalidade caiu, mas ainda era alta. "Fazíamos o desbaste dos galhos de baixo para favorecer a enxertia e isso acabava matando o cavalo", explica o agrônomo. Hoje, assim que o enxerto começa a brotar, é feito um anelamento na parte aérea do cavalo, que morre e dá lugar ao clone enxertado. E o índice de perda de mudas passou para apenas 10% do total plantado.

Outro dos grandes problemas da castanha - a polinização - foi resolvido com ajuda da ecologia. Na floresta amazônica é a grande diversidade de espécies vegetais e a estreita relação de animais e plantas que supre a extrema pobreza do solo e garante a vida. Sem a diversidade, insetos polinizadores, por exemplo, podem desaparecer de uma área simplesmente porque não têm alimento na entressafra ou porque não costumam se abrigar na mesma árvore que polinizam. Nos castanhais comerciais, a ausência de polinizadores - uma espécie de mamangava - pode ser fatal, já que as castanheiras são altas, apresentam floradas no topo da árvore e não existe tecnologia para a polinização artificial.

Por isso, na Aruanã, o castanhal foi plantado entre faixas de mata nativa de 600 m de largura. Nas faixas de mata cresce naturalmente um tipo de maracujá bravo, que alimenta os polinizadores durante a entressafra da castanha. E

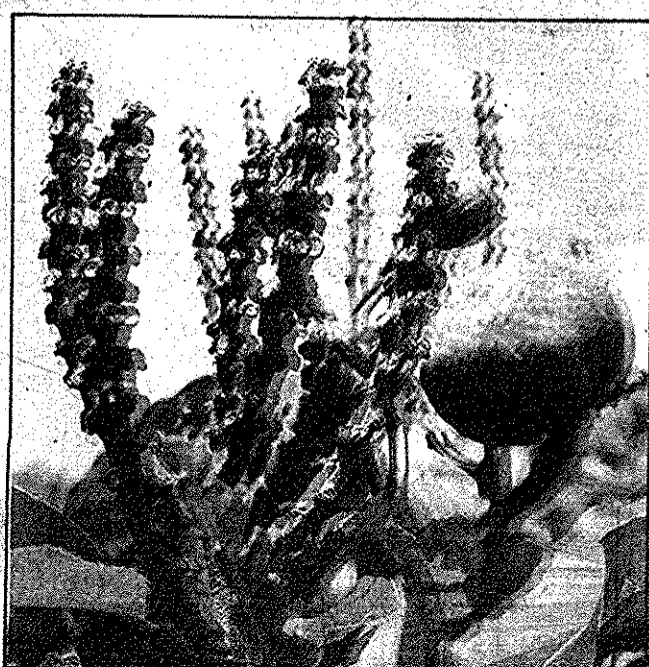
para garantir que os insetos não saiam da área, Paula Neto plantou também fileiras de urucum junto do castanhal. O urucum também é polinizado pela mesma espécie de mamangava e floresce em época diferente da castanha e do maracujá bravo.

O único problema que continua sério nos castanhais novos é conter a rebrota do mato, a famosa juquirá. É o maior custo da cultura. Pelo menos duas vezes por ano é necessário roçar, com muito cuidado na época das queimadas, quando o mato alto ou restos de capim seco podem ajudar o fogo a se espalhar rapidamente. Na Aruanã, nas áreas mais degradadas, onde hoje só cresce mesmo a juquirá e capim-rabo-de-burro, a limpa é mecanizada. Nos trechos onde o quicuío da Amazônia ainda cresce abundante, a limpa é manual, apenas nos pés das castanheiras.

Em algumas fazendas vizinhas, o consórcio de castanhas com mandioca nos primeiros anos vem dando bons resultados e diluindo os custos de limpa. O gado também pode ser usado para controlar o crescimento do capim, mas apenas quando as castanheiras têm de 3 a 4 anos e as folhas mais altas não podem ser alcançadas pelos bois.

"Ainda falta muita pesquisa, muita seleção para chegarmos a variedades e tecnologias que garantam uma produtividade estável", diz Gabriel Paula Neto. "Mas certamente a castanheira é a melhor opção para áreas onde não dá mais nada". Estima-se, hoje que cerca de 7 milhões de hectares - uma área maior do que o Estado da Paraíba - estejam degenerados e abandonados em toda a Amazônia. Se as castanheiras puderem realmente substituir as capoeiras ralas que hoje ocupam estas áreas, os conservacionistas acreditam que certamente o Brasil estará mais próximo de um bom modelo de desenvolvimento sustentado para a região.

Em terras que estavam completamente degradadas, um fazendeiro resolveu plantar castanheiras e hoje ele tem 320 mil pés em 3.300 hectares. Apesar da árdua luta para controlar o mato, a perspectiva é muito boa de lucro.



Os técnicos disseram que não nascia. Nasceu.



Apesar da concorrência feita pela juquirá, mato difícil de controlar, a castanheira produz muito bem.